

Ditongos e hiatos em português arcaico: uma abordagem otimalista

(Medieval Portuguese Diphthongs and Hiatuses:
an optimalistic approach)

Gladis Massini-Cagliari*

Resumo: Estudo dos elementos vocálicos do Português Arcaico e de seu posicionamento na sílaba, discutindo principalmente o status dos glides e a formação de ditongos e hiatos, a partir do ponto de vista da Teoria da Otimalidade.

Palavras-chave: Ditongo. Hiato. Teoria da Otimalidade. Sílaba.

Abstract: In this article, we propose a study of Medieval Portuguese vocalic elements and their position in syllable domain. Diphthongs and hiatuses formation and glides status are discussed from the Optimality Theory point of view.

Key words: Diphthong. Hiatus. Optimality Theory. Syllable.

1 Introdução

Em trabalhos anteriores (Massini-Cagliari, 2001a, no prelo e 2002), analisamos a silabação do Português Arcaico (de agora em diante, PA), com base na Teoria da Otimalidade (doravante, TO). Restringimo-nos, no entanto, ao tratamento de fenômenos intravocábulares. Dentre estes, tratamos sobretudo da organização da periferia silábica, dando ênfase à estruturação do *onset* (= ataque) e da coda, e da possibilidade (ou não) de complexificação desses componentes. Quanto à resolução dos encontros entre vogais no

* Universidade Estadual Paulista – Araraquara/CNPq.

PA, em estudos anteriores, foram por nós abordados apenas fenômenos intervocábulares: os chamados processos de sândi vocálico externo – Massini-Cagliari (2000 e 2001b).

Com base na hierarquia das restrições que comanda a silabação no PA a que chegamos nesses trabalhos anteriores, pretendemos, no presente estudo, tratar dos elementos vocálicos e de seu posicionamento na sílaba, discutindo principalmente o *status* dos glides e a formação de ditongos e hiatos.

Trata-se de tema de relevância nos quadros da TO, já que, a partir de uma comparação entre os dados do PA e do Português Brasileiro (de agora em diante, PB) atual, pode ser nitidamente observada uma mudança de comportamento quanto às estratégias de silabação de seqüências de vogais nessas duas línguas – indício de que uma mudança lingüística, vista pela TO como alteração na hierarquia das restrições, teria acontecido, na passagem de um período a outro da língua.¹

(1)	PA	PB	
	cre-er; ve-er; ri-ir	crer; ver; rir	<i>versus</i> com-pr/je/nder
	mã-o	mão	
	Ju-i-ã-o	Juí-ão	

Como *corpus*, considera-se uma seleção de cem cantigas medievais galego-portuguesas profanas, sendo cinquenta de amor, extraídas do *Cancioneiro da Ajuda* (CA), e cinquenta de amigo, escolhidas a partir do *Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa* (CBN).² Como fontes secundárias, foram consultados os Glossários de Michaëlis de Vasconcelos (1920) e Nunes (1973, v. 3, p. 575-704) e o Índice Onomástico e o Vocabulário de Lapa (1970).

Para finalizar esta introdução, faz-se necessária uma palavra sobre a metodologia empregada neste trabalho. Se o PA é uma língua morta, da qual não existem registros orais, como ter certeza de que a silabação considerada, no que diz respeito tanto à distribuição de vogais mas também de consoantes no interior da sílaba,

é a correta? Considerando-se, nesses casos, que a fonte escrita mais confiável para a análise de elementos prosódicos em línguas mortas é a poesia metrificada (Allen, 1973, p. 103), recorreu-se aqui à metodologia já empregada anteriormente em Massini-Cagliari (1995, 1999)³ e em trabalhos que nela se baseiam (Granucci, 2001; Zucarelli, 2002; Biagioni, 2002), ou seja, à busca na escansão dos versos em sílabas *poéticas* dos limites entre as sílabas *fonéticas*. Especificamente com relação ao estabelecimento das fronteiras silábicas internas à palavra no caso de encontros vocálicos e à categorização desses encontros como ditongos ou hiatos, é particularmente relevante a observação dessas fronteiras no meio dos versos (critério por nós seguido), como mostra o exemplo (2), que traz a segunda estrofe da cantiga CA42, “*Maravilho-m’eu, mia senhor*”, de autoria de Martin Soares,⁴ já que, no final dos versos, por causa dos preceitos de metrificação da época, que exigiam que às vezes as sílabas átonas finais de verso fossem desconsideradas na contagem, às vezes, não,⁵ podia haver dúvidas quanto à consideração, por exemplo, de *eu* em *deu* e *seu* (versos 5 e 6 da segunda estrofe) como ditongo (portanto, finalizando versos agudos, como monossílabos tônicos) ou como *hiato* (finalizando versos graves, como dissílabos paroxítonos). Compare-se estas duas palavras com a ocorrência de *Deus*, nos versos 3 e 5 dessa mesma estrofe, que, por estar posicionada no meio do verso, indiscutivelmente deve ter a seqüência *eu* classificada como ditongo, já que, caso fosse um hiato, o verso fugiria ao padrão métrico da cantiga: versos octossílabos agudos. Pelas mesmas razões, devem ser consideradas ditongo decrescente a seqüência *eu* do primeiro verso do exemplo, ditongo crescente a seqüência *ia* do primeiro verso, e hiatos, as seqüências *ia*, do sexto verso, e *oe*, do último.

- (2) Aquesto digu’*eu*, *mia* senhor,
por quanto vus quero dizer:
por que vus fez *Deus* entender
de todo ben sempre’ o melhor.
E a quen *Deus* tanto ben *deu*,
devia-s’*a* nembrar do seu
omen cuitad’, e a doer.

¹ A investigação da possível mudança, quanto à silabação, do PA ao PB, porém, não é objeto do presente estudo. Além disso, neste trabalho, também não iremos nos ocupar da formação de ditongos e hiatos no PA envolvendo vogais nasalizadas. Este tema fica prometido para trabalhos futuros, já em andamento.

² As cantigas que compõem o *corpus* considerado neste trabalho são as seguintes: CA: 2, 10, 14, 16, 28, 35, 36, 41, 42, 50, 64, 68, 70, 80, 82, 87, 104, 111, 115, 122, 129, 131, 144, 155, 157, 158, 163, 172, 186, 198, 199, 201, 210, 215, 222, 224, 227, 229, 230, 242, 246, 251, 257, 260, 265, 281, 285, 288, 293, 295 – numeração de Michaëlis de Vasconcelos, 1904. CBN: 555, 573, 1092, 630, 636, 641, 653, 658, 676, 686, 696, 703, 1390, 714, 719, 723, 738, 785, 795, 798, 804, 840, 820, 831, 879, 920, 932, 936, 1036, 1040, 1218, 1118, 1128, 1136, 1147, 1158, 1173, 1189, 1198, 1202, 1204, 1226, 1245, 1250, 1256, 1262, 1272, 1280, 1290, 1298 – numeração do CBN, edição fac-similada de 1982.

³ Nesses dois trabalhos, é apresentada uma extensa lista de estudos que consideraram anteriormente as estruturas poéticas como fonte confiável de pistas da organização prosódica das línguas nos níveis fonético e fonológico. Por falta de espaço, deixo de reproduzir aqui todos os nomes, mas remeto o leitor aos trabalhos que os trazem.

⁴ Na versão de Michaëlis de Vasconcelos (1904, p. 91).

⁵ A respeito dos preceitos de metrificação dos trovadores da época e da adoção ou não da lei de Mussafia, veja-se Massini-Cagliari (1999, p. 46-59) e referências aí contidas.

2 Distribuição e tipificação dos encontros vocálicos em PA

Zucarelli (2002, p. 68) estudou os encontros vocálicos intravocabulares do PA em uma perspectiva derivacional não-linear, considerando um *corpus* de 107 cantigas de amigo e amor, extraídas de CA, CBN e do *Pergaminho Vindel* (que contém 7 cantigas de amigo musicadas, de autoria de Martim Codax). No levantamento quantitativo que fez dos encontros vocálicos presentes no seu *corpus*, constatou a formação de 83,3% de ditongos, ao passo que os hiatos eram formados em contexto intravocabular em apenas 16,7% dos casos. Deste fato, pode ser inferida a enorme preferência do PA pela silabação de seqüências de vogais como ditongos. No entanto, ao contrário do que acontece no PB atual, como vimos anteriormente, os hiatos são mais tolerados em PA e, em alguns casos, são a única solução possível de silabação de encontros vocálicos intra e intervocabulares (exemplo: vogais duplas).

Dentre os ditongos, os dados de Zucarelli (2002, p. 67 e 76) nos permitem chegar a um total de 89% de ditongos decrescentes e apenas 11% de ditongos crescentes. Esses últimos, de uma distribuição restritíssima, podiam ser formados, no nível fonológico, apenas pelas seqüências *ia*, *io*, uma vez que Zucarelli não considera como ditongos fonológicos (mas apenas fonéticos) seqüências do tipo QU-/GU- + V (exemplo: *augua*; *quando*).

No *corpus* aqui considerado, pudemos encontrar, como contendo ditongos crescentes, apenas as seguintes palavras: *miá*, *dórmio/dórmia*, *Simión*, *sobérvia*, *sábia*, *cambiár*, *ravioso*. Todas essas palavras, nos testemunhos quinhentistas das cantigas medievais galego-portuguesas, costumam vir grafadas com um H no lugar da semivogal I, justamente para marcar graficamente a formação de um ditongo crescente, e não de um hiato.

Já o levantamento (que não pode ser considerado exaustivo, uma vez que leva em consideração apenas cem cantigas e três glossários) que fizemos dos ditongos decrescentes no *corpus* aqui considerado apontou os seguintes casos:

Quadro 1
Ditongos decrescentes

Sílabo tônica	
ai	ai, conrairo, mais, vai, Paai, papagai, oimais, demais
au	augua
ei	ei, aleive, cavaleiro, deitei, dereito, direi, estarei, farei, freira, lei, morrerei, queixo, queira, rei, serel, sei, despelto, ribeira, sospeita
eu	Deus, greu, meu, morreu, sandeu, romeu
iu	dormiu, partiu
oi	colta, depois, foi, moira, noite, pois
ou	cousa, dous, estou, ouve, vou, mouro, sou, outro, deitou, pouco
ui	cuido, ful, mul/muito, truita
Sílabo pretônica	
ai	ballada, bailar, baixado
ei	deitar, deltei, leixar, queimar, queixar, queixume, sospetado
oi	ascollar, coltado, oimais, coidar
ou	cousimento, cousir, mouron, outorgar
ui	cuidar, cuidou, Vultoron

Além dos casos listados acima, aparecem ditongos *ai*, *ui* e *ei*, em sílabas tônicas e pretônicas, em relação aos quais Zucarelli (2002, p. 121-124) considera a ocorrência de um *i* ambissilábico: *aleluia*, *alfaia*, *retraia*, *saia*, *saio*, *maior*, *peior*, *baio*, *guerreiar*.

Como se pode observar do levantamento apresentado acima, não há casos de ditongos em sílabas postônicas no PA, ao contrário do que ocorre em PB:

(3)	PA	PB
sílabo tônica	cavaleiro, direi, falei, lei	cavaleiro, direi, falei, lei
sílabo postônica	---	pônei, vôlei

Com relação à presença dos hiatos em PA, os dados encontrados em Zucarelli (2002, p. 72-73) nos permitem concluir que 31% dos casos eram constituídos da seqüência *i+a* (127 em 407), 25%, de vogais duplas (101 em 407), e o restante (44%, 179 casos em 407) de seqüências de outras vogais.

No *corpus* que analisamos, encontramos as seguintes seqüências de vogais formando hiatos:

Quadro 2
Hiatos

Pretônica + pretônica	
a + a	gaanhar, Vaasquez, caaveiras
a + e	escaecer, traedor
a + i	traicon, sairei
e + a	lealdade
e + e	beençon, asseentar-se, esqueentado
o + i	coirmãa
o + o	acoomiadas, mooredes
u + i	Juião, juigar
Pretônica + tônica	
a + a	Paai, gaança, achar
a + e	caer, caesse
a + i	sair, saí, rainha, aí, ainda, adail, bainha
e + a	deante, guerrear, leal, ceaz
e + e	seer, seede, creente, Geen, portuguees, teer, creer
e + i	reinha
e + o	meor
e + u	creúdo
i + a	fiar, fiado, brial, enviar, liar, Santiago
i + i	viir, riir, Fiiz, cobiiça, embiço, enmiço
i + u	viúva, fiúza
o + a	gradoar, loado, loar
o + e	doer
o + i	oír, Coimbra
o + o	moor
u + i	juízo
Tônica + Postônica	
a + a	maa
e + a	candea, fea, correa
e + e	mercee, pee
i + a	averria, dia, dezia/dizia, dezian, diria, dormia, estaria, fazia, faria, valia (subst.), guia, iria, jograria, folia, Maria, morreria, perfia, querria/querrian, sabedoria, seria, ia, romaria, sandia, via
o + o	doo, soo, feijoo, poo
u + a	duas
u + u	cuu, nuu, muu

3 Os encontros vocálicos intravocabulares do PA vistos pela TO

Como foi mostrado anteriormente a partir dos dados quantitativos extraídos de Zucarelli (2002), o ditongo decrescente é a silabação preferida pelo PA para uma seqüência vocálica. Neste sentido, pode-se dizer, em termos otimalistas, que o ditongo decrescente é a silabação "ótima" para seqüências de vogais no português medieval. A razão para este fato na exigência de fidelidade no PA entre as seqüências vocálicas do *input* e do *output*, já que, quando há a formação de ditongos, não há epêntese de material vocálico ou consonantal entre as vogais que se encontram no *input*, nem apagamento de uma delas. Em termos otimalistas, pode-se afirmar que, no PA, dado um *input* VV e os *outputs* possíveis VG (ditongo decrescente, em que G = glide), GV (ditongo crescente) e V.V (hiato), a realização estatisticamente mais relevante VG, na relação entre o *input* dado e o *output* escolhido, aponta para a importância das restrições DEP, MAX e ONSET, na silabação de encontros vocálicos. Comparando-se um *input* VV com um *output* VG, constata-se que este último não viola DEP, porque não há epênteses, nem MAX, porque também não há apagamentos. ONSET também não é violada; a violação a essa restrição aconteceria se o *output* preferido fosse o hiato, em que a segunda vogal inicia uma sílaba de *onset* vazio. Como intravocabularmente os hiatos são permitidos em PA, embora não sejam a silabação mais recorrente, conclui-se que ONSET ocupa uma posição na hierarquia de restrições que gera a silabação das seqüências vocálicas em PA abaixo de MAX e DEP.

Se considerarmos a distribuição dos elementos vocálicos e consonantais na sílaba do PA (Massini-Cagliari, 2001a; Zucarelli, 2002 e Biagioni, 2002) e o comportamento das sílabas contendo ditongos, que é análogo ao das sílabas travadas, com relação à acentuação (que leva em consideração o peso silábico – Massini-Cagliari, 1999), deve-se concluir, a exemplo de Zucarelli (2002, p. 101), que o PA só aceita uma posição preenchida no núcleo; em consequência, nos ditongos decrescentes, o glide posiciona-se na coda. Assim, conclui-se também que a restrição *CODA pode ser violada em PA para a formação de ditongos decrescentes, além de sílabas travadas. A interação no componente EVAL entre esta e as restrições a que aludimos no parágrafo anterior é mostrada no tableau (4), em que a forma ótima é apontada pelo símbolo ◊ e os limites das sílabas são representados por parênteses. As restrições de que tratamos neste parágrafo e no anterior e que são consideradas em (4) foram definidas em (5).

(4)

	/lei/	MAX	DEP	ONSET	*CODA
a.	∅ (lei)				*
b.	(le)(i)			*	
c.	(le) (li)		*!		
d.	(le)	*!			

- (5) MAX-IO: os elementos do *input* devem ter correspondentes no *output*.
 DEP-IO: os elementos do *output* devem ter correspondentes no *input*.
 ONSET: as sílabas têm onsets.
 *CODA: as sílabas acabam em vogal.

Como o PA só permite o preenchimento de uma posição no núcleo da sílaba, a atuação de *COMPLEX(N) explica por que as seqüências de vogais iguais, no PA, são categoricamente silabadas como hiato.⁵ Como mostra o tableau (6), o apagamento de qualquer uma das vogais feriria MAX; a inserção de uma consoante entre elas, DEP. Já a constituição de uma vogal longa fere *COMPLEX(N). A hierarquia de restrições adotada abaixo explica a ocorrência do hiato em todos os exemplos de vogais duplas mapeados no *corpus*.

(6)

	/muu/	MAX	DEP	*COMPLEX(N)	ONSET	*CODA
a.	∅(mu)(u)				*	
b.	(mu:)			*!		
c.	(mu,∅)	*!				
d.	(m∅u)	*!				
e.	(mu) (lu)		*!			

- (7) *COMPLEX(N): Núcleos têm somente um elemento.

De acordo com o que se pode observar, as limitações para a silabação das seqüências de vogais altas em PA e da combinação dessas vogais com vogais de outra natureza (médias e baixas) parece estar ligada a uma proibição de constituição de ditongos crescentes. Abordagens derivacionais da silabação do PA (cf. Zucarelli, 2002) têm insistido que os ditongos crescentes do PA são, na verdade, hiatos na forma de base. No entanto, como a distinção entre forma de base e forma superficial não se sustenta nas bases de uma

perspectiva otimalista, é preciso "traduzir" esta intuição dos pesquisadores em termos de restrições.

Apesar de o PA dar preferência ao preenchimento da coda ao invés de preencher duas posições no núcleo da sílaba, existem restrições quanto aos elementos que podem aparecer na margem final da sílaba. Como mostramos em Massini-Cagliari (2001a, p. 3), apenas podem figurar na coda o glide e as consoantes: /R/ (*veer, moler, certo, andar, senhor, pastor, Portugal, amor*); /l/ (*algun, sol, culpado, mal, Portugal*); /S/ (*esto, faz, suspeita, aquela, chuz, solaz, triste*); e /N/ (*entender, andar, lembrar, non, razão, coração, cantiga, grau, branca*). Isto quer dizer que há a atuação da restrição CODA-COND, alta na hierarquia, que restringe as possibilidades de consoantes na coda, conforme o estabelecido em (8).⁶ É por este motivo que a seqüência /ei/ pode formar um ditongo (decrecente, no caso), uma vez que o glide /i/, por ser [-vocalico; +soante] constitui uma coda aceitável no PA. Já a seqüência /ie/ forma um hiato, por dois motivos: /e/ não é uma coda aceitável e ditongos crescentes são proibidos.

- (8) CODA-COND: A coda pode ter somente:
 [-vocalico, +soante] ou [-soante, +contínuo, +coronal]

Pelas razões expostas acima, o PA dá preferência à formação de ditongos decrescentes quando da combinação de vogais. A atuação da hierarquia de restrições estabelecida em (6) impede a formação de ditongos crescentes nas seqüências *iu* e *ui*, ao escolher como *output* ótimo as formas com a primeira vogal alta silabada no núcleo (simples) e a segunda, na coda. É o que se mostra no tableau (9).

(9)

	/fui/	MAX	DEP	*COMPLEX(N)	ONSET	*CODA
a.	∅(fui)					*
b.	(fui)			*!		
	/viu/	MAX	DEP	*COMPLEX(N)	ONSET	*CODA
c.	∅(viu)					*
d.	(viu)			*!		

Embora haja, em PA, seqüências que quase categoricamente constituam ditongos (ex: *ei*) e seqüências que obrigatoriamente

⁵ A não ser no caso específico de algumas flexões verbais (cf. Massini-Cagliari, 1999, p. 177-181), como será visto adiante.

⁶ A definição de CODA-COND, que aparece em (8), é retirada de Lee (1999, p. 147), já que as restrições para o aparecimento de codas não mudaram, do PA ao PB.

constituem hiatos (vogais duplas), a maior parte das seqüências vocálicas podem constituir tanto ditongos como hiatos. Passaremos, agora, a analisar as mais produtivas delas: *a+i* e *i+a*. Esta última é o ditongo crescente mais recorrente em PA, aparecendo sempre depois de /m-/ , /v-/ e /b-/ (exemplos, já citados anteriormente: *miá, dormio/dórmia, Simión, sobérvia, sábia, cambiár, ravisoso*). Por outro lado, é também o hiato mais recorrente em PA, inclusive depois de /m-/ , /v-/ e /b-/ (vejam-se os exemplos no Quadro 2). Portanto, faz-se necessário verificar qual a hierarquia de restrições responsável pela diferenciação entre os exemplos listados em (10):

- (10) *miá* vs. *mía*
dórmia vs. *dormía*
sábia vs. *sabía*
sobérvia vs. *vía*

Andrade (1998, p. 99), que estudou a alternância vogal/glide no Português europeu (PE), afirma que:

a distribuição dos vocóides altos está intimamente ligada ao acento. Numa teoria de regras para a construção de constituintes, esta distribuição é problemática, na medida em que o lugar que o acento vai ocupar deve ser conhecido antes da silabificação, quer a língua seja sensível à quantidade, quer não. Na perspectiva teórica da Optimalidade, o papel do acento na distribuição dos vocóides altos explica-se através da satisfação simultânea das restrições métricas e da estrutura da sílaba.

No entanto, não concordamos com Andrade, pelas razões que ele mesmo aponta: a precedência da silabificação sobre o acento, dentro de uma perspectiva prosódica. Andrade (1998, p. 99) acredita ter solucionado este problema, na perspectiva da TO, ao propor a atuação simultânea de restrições rítmicas e de estrutura da sílaba.⁸ Entretanto, a circularidade da questão não foi resolvida, uma vez que nem a precedência do acento sobre a silabificação e nem a simultaneidade dos dois fenômenos explica a distribuição de todos os vocóides, tanto no PE como no PA.

Não acreditamos que a distinção entre palavras como *dórmia* e *dormía* reside apenas na posição do acento. Entre *dórmia* (Presente do Subjuntivo, primeira ou terceira pessoas do singular) e *dormía* (Pretérito Imperfeito do Indicativo, primeira ou ter-

⁸ Rosenthal (1994) tentou uma solução semelhante à de Andrade (1998) para a distribuição das semivogais do espanhol, vinculando o aparecimento de ditongos e hiatos aos padrões de acentuação.

ceira pessoas do singular) há uma importante distinção de tempo/modo/ aspecto verbal, que se reflete na estrutura morfológica dessas palavras – (11).⁹ É somente nesses casos, em que a vogal temática se funde com a vogal de uma desinência verbal, que podem ser formadas vogais bimóricas em PA (e também em PB).

(11)

	radical	VT	MT	NP
<i>dórmia</i>	dorm-	i	a	∅
<i>dormía</i>	dorm-	i	ia	∅

A partir da consideração de *inputs* diferentes para *dórmia* e *dormía*, entende-se por que a vogal *i* é átona, no primeiro caso, e tônica, no segundo. E, desta forma, avança-se na compreensão da relação entre acento e silabificação aludida por Andrade (1998), no posicionamento dos *glides*.

O primeiro fato a ser considerado é que, em *dormía*, há a formação de uma vogal longa – o que dissemos antes ser terminantemente proibido em PA. No entanto, como já mostramos em Massini-Cagliari (1999, p. 177-181), a ocorrência de vogais longas no PA é permitida em certos contextos de flexão verbal,¹⁰ em que a vogal temática verbal pode ser fundida com uma vogal de mesma qualidade de uma das desinências (modo-temporal ou número-pessoal) – o que resulta na soma das moras de cada uma das vogais. Em termos otimalistas, este fato pode ser expresso a partir da restrição *HIATO, definida em (12), posicionada na hierarquia acima de *COMPLEX(N).

- (12) *HIATO: Hiatos entre VT e NP, nas formas verbais "do pretérito", são proibidos.

(13)

	/dorm-i-ia/	*HIATO	MAX	DEP	*COMPLEX(N)	ONSET	*CODA
a.	∅ (dor)(mi):(a)				*	*	
b.	(dor)(mi,∅)(a)		*!			*	
c.	(dor)(m∅i)(a)		*!			*	
d.	(dor)(mi)(i)(a)	*!				**	
e.	(dor)(mi) (li)(a)			*!		*	

⁹ Em (11), as abreviaturas VT, MT e NP referem-se à estrutura morfológica desses verbos e significam, respectivamente, vogal temática, desinência modo-temporal e desinência número-pessoal.

¹⁰ Ips (= 1ª pessoa do singular), Pretérito Perfeito do Indicativo, 2ª/3ª conjugações; todas as pessoas do Pretérito Imperfeito do Indicativo, 2ª/3ª conjugações. Por conveniência, vamos denominar essas formas como "do pretérito".

Já a explicação para a ocorrência desses ditongos crescentes excepcionais no PA reside na interação de duas restrições importantes para a silabação nessa língua: a proibição de ditongos crescentes e a proibição de codas complexas.

Em *dórmio/dórmia*, com a formação do ditongo crescente, aparentemente há uma violação a *COMPLEX(N). O mesmo ocorre com *sobérvia*, *sábia*, *Simiôn* e *cambiár*. Ora, para que haja violação a *COMPLEX(N), é preciso que o glide seja silabado no núcleo da sílaba – o que parece não estar acontecendo. Ora, a interação entre os padrões acentuais e os de silabação, que levam em consideração o peso das sílabas (ou, em outras palavras, a contagem das moras), comprova que o *i*, em todos os casos citados de ditongos crescentes em PA, não é mórico (cf. Massini-Cagliari, 1999, p. 172). Desta forma, não sendo o glide mórico, ele não pode estar localizado no núcleo. Resta, portanto, apenas a posição de *onset* para a sua localização, agindo como consoante, na formação de um constituinte complexo no ataque da sílaba. Assim, conclui-se que a intuição dos estudos derivacionais estava correta, no que tange à afirmação de que esses casos não constituem ditongos verdadeiros. E, não sendo estes casos de ditongos propriamente ditos, mas de *onsets* complexos, não pode haver violações a *COMPLEX(N).

A oposição *miá/mía* é mais difícil de explicar. A este respeito, é bastante pertinente lembrar a conhecida citação de Michaëlis de Vasconcelos (1912-13, p. 409):

Quanto ao possessivo *mha*, *mho* eu já expliquei que era proclítico, tinha acento na última vogal e que os Castelhanos também pronunciavam *miá*, *mió*, sempre monossilábicos. Segundo as leis de ditongação antiga, o acento recaía na vogal mais forte e sonora, e não na semivogal *i*. Existia todavia a forma absoluta *mía* bissilábica, colocada depois do substantivo. A princípio *mhá* *senhor* mas *senhor mía*. É a rima (com *folia*, etc) que autentica essa pronúncia.

No entanto, no *corpus* considerado no presente estudo, não há qualquer ocorrência de *mía*, dissílabo paroxítono terminado em hiato. A própria Michaëlis de Vasconcelos (1920, p. 56) aponta apenas um caso (CV402). Portanto, mesmo existindo, a oposição entre as formas *miá/mía* deve ser considerada de baixa produtividade.

A questão aqui é explicar por que a forma em que o glide é silabado como *onset* é preferível à silabação mais predizível como hiato. De acordo com Michaëlis de Vasconcelos, a escolha parece residir na interação com padrões acentuais, mas no nível frasal. No entanto, acreditamos, com relação à distinção *miá/mía*, estar diante

de duas formas lexicais distintas, a primeira clítica e a outra adjetiva. Se postularmos que a distinção de silabação e de acentuação dessas formas, que se reflete no seu comportamento prosódico, se refere a diferentes configurações de *input* (em *miá*, *i* é consoante, formando um ataque complexo com a consoante que a precede), a hierarquia considerada até o momento para prever a silabação dos *glides* no PA é capaz de apontar corretamente as duas formas como ótimas.

Passemos agora à análise da seqüência *a+i*, a mais produtiva entre os ditongos decrescentes, mas também bastante produtiva como hiato. Podemos esquematizar sua distribuição da seguinte maneira: $\acute{a}+i$ = ditongo; $a+i$ = hiato; $a+i+(c)(c)v'$ = ditongo ou hiato. Por ser o padrão ótimo, a formação de ditongos é predizível pela hierarquia de restrições aqui adotada até o momento.

Quando a vogal *a* é sucedida por um *i* tônico em PA, a única solução possível é a formação de um hiato. É o que acontece nas formas *sair*, *sai*, *rainha*, *ai* e *ainda*. Por outro lado quando a seqüência *a+i* ocupa posições pretônicas, sua silabação mais freqüente é como ditongo. No entanto, podemos encontrar duas exceções no *corpus* considerado: *traíçon* e *sairei*.

A formação de um hiato em *sai* pode ser explicada a partir de sua constituição morfemática – explicitada em (14): há dois *i* no *input* – um da vogal temática e o outro, da desinência número pessoal. Levando este fato em consideração, hierarquia das restrições aqui adotada aponta a forma *sai* como a silabação mais perfeita para o *input* dado – tableau (15).

(14) radical VT MT NP
sai sa- i Ø i

(15)	/sa-i-i/	*HIATO	MAX	DEP	*COMPLEX(N)	ONSET	*CODA
a. \varnothing	(sa)(i)				*	*	
b.	(sa)(i)		*!			*	
c.	(sai)		*!				*
d.	(sa)(i)(i)	*!				**	

Trabalhos anteriores, elaborados com base em teorias derivacionais (Massini-Cagliari, 1999; Zucarelli, 2002; Biagioni, 2002) constataram que o PA proíbe sílabas com ditongos seguidos de travamento silábico. As únicas exceções são os travamentos pelos arquifonemas /S/ (ex.: *Deus*, *pois*, *mais*) – unicamente em final de palavra – e /N/ (ex.: *falaram* – [falar*ũw*]) – somente em final de

verbos flexionados. No caso do travamento por /S/, Zucarelli (2002) atribui esta restrição ao fato de o glide, nos ditongos decrescentes, ocupar a posição de coda; desta forma, a única consoante que poderia aparecer depois de um ditongo seria mesmo /S/, que é a única que pode ocupar a segunda posição de uma coda complexa (o que acontece até hoje, em PB: *perspectiva, solstício, cáustico*). Com relação ao travamento nasal, a possibilidade de formação de ditongos seguidos de travamento silábico nasal é explicada pelo fato de a nasal ser flutuante e só poder continuar assim no final de palavras (no meio, ela tende a ser ancorada em *onsets* e codas vazios). Nos termos da TO, essa restrição à ocorrência de formas como **ail*, **air*, em qualquer contexto, e **ain*, no meio de palavras, em rimas do PA pode ser expressa a partir da ação da restrição COMPLEX-CODA-CONDITION – definida em (16) –, que atua em conjunto com CODA-COND. É por este motivo que a silabação ótima para o exemplo *sair* é a formação de um hiato entre *a* e *i*, como aponta corretamente o tableau (17).¹¹

(16) COMPLEX-CODA-COND: Codas complexas não são permitidas, a não ser as formadas por glides seguidos de /S/ ou /N/ em final de palavra.

(17)

/sa-i-r/	CODA-COND; COMPL-COD- COND	MAX	DEP	*COMPLEX(N)	ONSET	*CODA
a. σ (sa)(ir)					*	(*)
b. (sair)	*!					(*)

Pelos motivos expostos acima, fica explicada a preferência pelo hiato na formação de palavras como *rainha/reinha* e *ainda*. Em *ainda*, **ain* é malformada, por ser uma rima supercomplexa, com três elementos. O mesmo ocorre em *rainha*. Trabalhos anteriores – Zucarelli (2002) e Somenzari (2002) – já estabeleceram que as consoantes palatais /k/ e /j/ em PA devem ser consideradas complexas, pelas mesmas razões pelas quais Wetzels (2000) assim as considera em PB. Desta maneira, a formação de um ditongo em *rainha* feriria COMPLEX-CODA-CONDITION.

Por outro lado, se a hipótese por nós formulada em Massini-Cagliari (1999, p. 173-174) de que formas do tipo *aqui*, *ali*, *acá* e *alá* são compostas no PA estiver correta, então a formação do hiato em *ai* pode ser explicada pela Teoria do Alinhamento de McCarthy e Prince (1993). A formação de sílabas e de pés teria que se alinhar

¹¹ Os parênteses envolvendo asteriscos, no tableau (17) e nos demais, indica uma violação à restrição considerada, mas não relevante para o fenômeno discutido.

com a margem das raízes, nos compostos. Esta hipótese se confirma a partir da existência de uma forma como *coirmã* (veja Quadro 2), em que é formado um hiato entre *o* e *i*, embora a silabação mais frequente dessa sequência seja o ditongo. A atuação da restrição ALINHE (RAIZ, σ), definida em (18), com base em Giangola (1997, p. 150), dá conta de apontar, no tableau (19), a silabação correta para as formas *ai* e *coirmã*.

(18) ALINHE (RAIZ, σ): Alinhe as margens da raiz dos compostos com as margens das sílabas.

(19)

/a#i/	ALINHE (RAIZ, σ)	CODA-COND; COMPL-COD- COND	MAX	DEP	NOCOMPLEX (N)	ONSET	*CODA
a. σ (a)(i)						**	
b. (ai)	*!					*	*

/co#irmaNa/	ALINHE (RAIZ, σ)	CODA-COND; COMPL-COD- COND	MAX	DEP	NOCOMPLEX (N)	ONSET	*CODA
a. σ (co)(ir)(mã)(a)						(*)	(*)
b. (coir)(mã)(a)	*!	*!				(*)	(*)

A partir da hierarquia adotada acima, ficam por explicar apenas dois encontros de *a+i*: *traíçon* e *sairi*. Note-se que, nos dois casos, as vogais que se combinam são ambas pretônicas. Acreditamos que a explicação para a não-ocorrência de ditongo nesses casos é análoga ao que acontece com a combinação entre vogais altas em sílabas pretônicas, ou entre pretônica e tônica: *viúva, fiúza* e *Juíão, juígar, júzo*.

Acreditamos que a interação entre os padrões de acentuação e de silabação a que referiu Andrade (1998) para o PE não é suficiente para explicar a silabação dessas formas do PA, já que entre elas há casos em que o hiato envolve apenas sílabas pretônicas (não-acentuadas, pelo menos no nível primário, portanto): *Juíão, juígar, traíçon* e *sairi*.

No entanto, todas as palavras envolvidas neste caso têm algo em comum: em todas elas o hiato é resultado do conhecido processo de queda das coronais sonoras entre vogais: *traditōnis* > *traíçon*; *salire* > *sair*; *vidiūva* > *viúva*; *fiduciā* > *fiúza*; *Julianus* > *Juíão*; *judicare* > *juígar*; *judicio* > *júzo*.¹² Em um modelo derivacional, poderia ser proposta uma consoante na forma de base dessas palavras, que

¹² Fonte da etimologia considerada: *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa* (2001).

seria eliminada em um momento posterior da derivação, gerando o hiato. Porém, como qualquer tipo de processo derivacional é incompatível com os preceitos teóricos otimalistas, propomos dar conta desses casos através da atuação de uma restrição da família de fidelidade sobre as palavras desse grupo, que denominamos de Tipo V<C>V: ALINHE(μ , N) – definida em (20). A atuação de uma restrição dessa natureza, localizada na hierarquia na mesma altura de MAX e DEP, não só explica a silabação das formas *viúva*, *fiúza* e *juião*, *juigar*, *juízo*, mas também dá conta de formas como *traíçon*, *sairei*, *saí* e *sair*. É o que se demonstra no tableau (21).

(20) ALINHE(μ , N): Alinhe a mora das vogais das palavras do Tipo V<C>V com o núcleo da sílaba.

(21)

	/juiaNo/ (Tipo V<C>V)	ALINHE(μ , N)	MAX	DEP	ONSET	*CODA
a. \varnothing	(ju)(i)(ã)(o)				***	(*)
b.	(ju)(ã)(o)	*!			**	(*)
c.	(ju)(\square i)(ã)(o)			*!	**	(*)

A partir da hierarquia acima, a ocorrência de hiato em *traíçon* e não em *bailada*, explica-se perfeitamente.

(22)

	/traí-çon/ (Tipo V<C>V)	ALINHE(μ , N)	MAX	DEP	ONSET	*CODA
a. \varnothing	(tra)(i)(çon)				*	(*)
b.	(tra)(çon)	*!				(*)
	/bail-ada/ (Tipo V<C>V)	ALINHE(μ , N)	MAX	DEP	ONSET	*CODA
c. \varnothing	(bai)(la)(da)					*
d.	(ba)(i)(la)(da)				*	

A hierarquia de restrições anteriormente estabelecida para diferenciar o *output ai* de *a.i* serve para diferenciar as silabações possíveis de outras seqüências de vogais de qualidade diferente, que também podem aparecer na superfície como ditongos ou hiatos. É o caso da diferenciação entre *au/a.u.*; *ei/e.i.*; *eu/e.u.*; *iu/i.u.*; *oi/o.i.*; *ou/o.u.* e *ui/u.i.*

Além dos casos já discutidos acima, há que se analisar os ditongos decrescentes *ai*, *ui* e *ei*, em sílabas tônicas e pretônicas, costumeiramente considerados como tendo *i* ambissilábico: *aleluia*, *alfaia*, *retraia*, *saia*, *saio*, *maior*, *peior*. A ambissilabidade, nesses casos, é fácil de prever e explicar, dentro dos quadros da TO.

A hierarquia considerada neste trabalho prevê por que, para casos como *aleluia*, a forma apontada como ótima contém um ditongo crescente na segunda sílaba (com *i* ocupando a posição de *onset*) e não as que contenham um ditongo decrescente na primeira sílaba, com *i* ambissilábico ou não – formas verdadeiramente atestadas no PA. O tableau (23) aponta a ambissilabidade de *i* como uma silabação para *u+i* ainda melhor, nesse contexto, do que a simples ocorrência do ditongo decrescente na penúltima sílaba, já que, com o *i* ambissilábico, está garantida a estrutura CV à última sílaba, cujo *onset* fica preenchido.

(23)

	/aleluia/ (Tipo V<C>V)	MAX	DEP	*COMPLEX(N)	ONSET	*CODA
a.	(a)(le)(lu)(a)				(*)	*
b.	(a)(le)(lu)(ia)			*!	(*)	
c.	(a)(le)(lu)(i)(a)				(*)	**
d. \varnothing	(a)(le)(lu)(ia)				(*)	*

Dos ditongos possíveis no nível fonético em PA, resta apenas explicar a silabação dos encontros vocálicos *u+V*, precedidos das velares /k, g/. O esquema de silabação da seqüência *u+V* é o seguinte: depois de /k-, g-/: ditongo crescente (exemplos: *quanto*, *augua*); depois de outras consoantes: hiato (exemplo: *duas*). A distribuição estabelecida acima mostra que a relação da vogal alta é muito mais estreita com a consoante que a precede do que com a vogal que a sucede. Este fato é confirmado, para o PB, por Giango-la (1997, p. 146), que mostra que enquanto os ditongos crescentes só podem aparecer em posições átonas, os ditongos crescentes formados por *u* depois de /k-, g-/ podem aparecer em qualquer posição da pauta acentual: em sílabas tônicas, pretônicas e postônicas. A mesma observação pode ser feita com relação ao PA. Todos esses fatos fizeram com que, em estudos desenvolvidos dentro das perspectivas estruturalistas (cf. Câmara Jr., 1970, para o PB) e, posteriormente, das teorias não-lineares derivacionais (cf. Zucarelli, 2002, p. 116-119 e Biagioni, 2002, para o PA; Freitas, 2001, para o PE), as seqüências QU- e GU- fossem consideradas consoantes complexas, diante de vogal – portanto /k"/ e /g"/.

Se confirmado o *status* dessas seqüências QU- e GU- como consoantes complexas /k"/ e /g"/, então, na verdade, não constituiria exatamente um ditongo crescente o encontro de vogais: no nível fonológico, as seqüências *ku+V* e *gu+V* formariam, na

verdade, sílabas com núcleos simples, mas, por outro lado, com *onsets* preenchidos por consoantes complexas. Desta forma, não seria preciso postular a atuação de qualquer outra restrição no componente avaliativo EVAL para se chegar às formas desejadas como ótimas – tableau (24).

(24)	/aug [~] a/	MAX	DEP	*COMPLEX(N)	ONSET	*CODA
a. ∅	(au)(g [~] a)				(*)	(*)
b.	(au)(gua)			*!	(*)	(*)
c.	(au)(gu)(a)		*!		(*)	(*)
	/k [~] al/	MAX	DEP	*COMPLEX(N)	ONSET	*CODA
d. ∅	(k [~] al)					(*)
e.	(kual)			*!		(*)
f.	(ku)(al)		*!			(*)

4 Conclusão

Com base no estudo desenvolvido neste trabalho, pode-se afirmar que os padrões silábicos de superfície dos encontros vocálicos intravoculares do PA são obtidas a partir de interações e hierarquizações de restrições de duas famílias (de estruturação silábica e de fidelidade), de acordo com a abordagem da TO. Recorreu-se à Teoria de Alinhamento de McCarthy e Prince (1993) para explicar padrões específicos. Desta forma, a hierarquia das restrições que gera a silabação dos encontros vocálicos intravoculares no PA pode ser representada da seguinte forma:

MAX ; DEP; [Coda-Cond; Compl-Coda-Cond]; *Hiato; Alinhe(μ, N) >>
*Complex(N) >> Onset >> *Coda

Chegou-se à conclusão também de que não é necessário nem desejável recorrer à atuação de restrições de ordem rítmica (acentuação) para estabelecer os padrões de silabação dos encontros vocálicos no português medieval.

Referências

- ALLEN, W. Sidney. *Accent and rhythm – prosodic features of latin and greek: a study in theory and reconstruction*. Cambridge: Cambridge University Press, 1973.
- D'ANDRADE, Ernesto. Sobre a alternância vogal/glide em Português. In: MOTA, Maria Antónia; MARQUILHAS, Rita (Orgs.). *Actas do XIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística (Lisboa 1997)*. Lisboa: APL, 1998. v. 1, p. 91-102.
- BIAGIONI, Andréia Bernardineli. *A sílaba em português arcaico*. Araraquara: FCL/UNESP. Dissertação de Mestrado, 2002.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. (1. ed. 1970). *Estrutura da língua portuguesa*. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.
- Cancioneiro da Ajuda. Lisboa: Edições Távola Redonda, 1994. Edição fac-similada.
- Cancioneiro da Biblioteca Nacional (Colocci-Brancuti). Cod. 10991. Reprodução fac-similada. Lisboa: Biblioteca Nacional/Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1982.
- FEITAS, Maria João. Sons de ataque: segmentos complexos, grupos segmentais e representações fonológicas na aquisição do Português Europeu. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 36, n. 3, p. 67-83, set. 2001.
- GIANGOLA, James P. Constraint Interaction and Brazilian Portuguese Glide Distribution. In: KUSUMOTO, K. (Ed.). *NELS 27*, p. 143-157. ROA #182-0397. <http://roa.rutgers.edu>. 1997.
- GRANUCCI, Patrícia Mara Franco. *O sistema vocálico do português arcaico: um estudo a partir das rimas das cantigas de amigo*. Araraquara: FCL/UNESP. Dissertação de Mestrado, 2001.
- LAPA, Manuel Rodrigues. *Cantigas d'escarnho e de mal dizer dos cancioneiros medievais galego-portugueses*. 2. ed. rev. e acrescentada. Vigo: Galáxia, 1970.
- LEE, Seung-Hwa. Teoria de otimalidade e silabificação do PB. In: MENDES, E. A. M.; OLIVEIRA, P. M.; BENN-IBLER, V. (Orgs.). *Revisitações: edição comemorativa: 30 anos da Faculdade de Letras/UFMG*. Belo Horizonte: UFMG/FALE, 1999. p. 143-156.
- MASSINI-CAGLIARI, Gladis. *Cantigas de amigo: do ritmo poético ao linguístico. Um estudo do percurso histórico da acentuação em Português*. Tese de doutorado. Campinas, UNICAMP, 1995.
- . 1999. Do poético ao linguístico no ritmo dos trovadores: três momentos da história do acento. Araraquara: FCL, Laboratório Editorial, UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica.
- . O sândi vocálico externo no Português Arcaico visto pela Teoria da Otimalidade. In: CASTRO, Rui Vieira de; BARBOSA, Pilar (Orgs.). *Actas do XV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística (Faro 1999)*. Braga: APL, 2000. v. 2, p. 59-75.

———. (2001a-no prelo). Questões de silabação: comparações entre o Português Arcaico e o Português Brasileiro. Conferência proferida no II EDiP – II Encontro de Estudos Diacrônicos do Português. Araraquara: FCL/UNESP, de 29 a 31 de agosto de 2001. A sair no livro: Descrição do português: estudos de linguística histórica, organizado por G. Massini-Cagliari; C. de A. A. Murakawa; R. A. Berlinck & M. Guedes, que reúne as conferências proferidas no I e no II EDiPs, a ser publicado pelo Laboratório Editorial da FCL/UNESP, Araraquara, e pela Editora Cultura Acadêmica, São Paulo, em 2003.

———. (2001b). Elisão nas cantigas profanas galego-portuguesas: processo obrigatório ou opcional? Comunicação apresentada no IV EIEEM – Encontro Internacional de Estudos Medievais. Promoção: Associação Brasileira de Estudos Medievais (ABREM) e Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Belo Horizonte: PUC Minas, 04 a 06 de julho de 2001.

———. A silabação no Português Arcaico vista pela Teoria da Otimidade. Estudos Linguísticos. São Paulo: FFLCH/USP, 2002a. v. 31. CD-ROM.

MICHAÉLIS DE VASCONCELOS, Carolina. (1904). Cancioneiro da Ajuda. Edição de Michaélis de Vasconcelos. Reimpressão da edição de Halle (1904), acrescentada de um prefácio de Ivo Castro e do Glossário das cantigas (Revista Lusitana, XXIII). Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1990.

———. (1912-1913). Lições de filologia portuguesa (segundo as preleções feitas aos cursos de 1911/12 e de 1912/13) Seguidas das Lições práticas de português arcaico. Rio de Janeiro: Martins Fontes, s.d.

———. (1920). Glossário do Cancioneiro da Ajuda. Revista Lusitana, XXIII. In Cancioneiro da Ajuda. Edição de Michaélis de Vasconcelos. Reimpressão da edição de Halle (1904), acrescentada de um prefácio de Ivo Castro e do Glossário das cantigas (Revista Lusitana, XXIII). Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1990.

McCARTHY, John J.; PRINCE, Alan S. Generalized Alignment. Rutgers Optimality Archives - ROA-7. < <http://ruccs.rutgers.edu/roa.html> >. 1993.

NUNES, J. J. (1. ed. 1926/1929) Cantigas d'amigo dos trovadores galego-portugueses. Lisboa: Centro do Livro Brasileiro, 1973.

ROSENTHALL, Samuel. (1994). Vowel/glide alternation in a theory of constraint interaction. Amherst: University of Massachusetts Amherst. Ph.D. Thesis. ROA #111-000. < <http://roa.rutgers.edu> >. (acesso em 29 ago. 2002)

SOMENZARI, Tatiana. Estudo do status fonológico das consoantes duplas em Português Arcaico. In: MASSINI-CAGLIARI, G. (Org.). Anais do II EDiP – Encontro de Estudos Diacrônicos do Português. Araraquara: FCL/UNESP, 2002. p. 273-282.

WETZELS, W. Leo. Consoantes palatais como geminadas fonológicas no Português Brasileiro. Revista de Estudos da Linguagem, Belo Horizonte, v. 9, n. 2, p. 5-15, jul./dez. 2000.

ZUCARELLI, Fernanda Elias. Ditongos e Hiatos nas Cantigas Medievais Galego-Portuguesas. Araraquara: FCL/UNESP. Dissertação de Mestrado, 2002.